



# Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 11/08 - 15/08



Tailor Made

 Tereos



# Macroeconomia

O cenário macroeconômico segue marcado pelo impacto do tarifaço de 50% imposto pelos Estados Unidos sobre exportações brasileiras, medida que levou o governo a lançar o pacote “Brasil Soberano”. Entre as ações, destacam-se uma linha de crédito de R\$ 30 bilhões condicionada à manutenção de empregos, prorrogação do prazo de exportação com insumos de drawback, adiamento na cobrança de impostos e concessão de créditos tributários para desonerar vendas externas. Apesar do alívio, a Moody’s Analytics estima que as tarifas possam reduzir o PIB brasileiro em 0,2%, embora o aumento das compras chinesas de commodities agrícolas deva compensar parte desse efeito ao longo do tempo. No campo inflacionário, o IPCA de julho avançou 0,26%, abaixo do esperado, acumulando alta de 5,23% em 12 meses. A queda de preços de alimentos e bebidas ajudou a conter o índice, mas serviços continuam pressionando, o que mantém o Banco Central em postura cautelosa. Já o varejo apresentou leve retração de 0,1% em junho, e o setor de serviços cresceu 0,3%, puxado por transportes, mas sinalizando desaceleração econômica com a Selic mantida em 15% ao ano.

No exterior, os Estados Unidos registraram inflação ao consumidor (CPI) de 0,2% em julho, acumulando 2,7% em 12 meses, enquanto o núcleo do índice de preços ao produtor (PPI) surpreendeu com alta de 0,9% no mês e 3,7% no ano, acima das projeções.

Os dados reforçaram dúvidas sobre o início do ciclo de cortes de juros pelo Federal Reserve em setembro, embora a desaceleração do mercado de trabalho mantenha essa possibilidade no radar. No cenário geopolítico, Trump, que intensificou críticas ao Brasil e elogiou Bolsonaro, se prepara para um encontro com Vladimir Putin, gerando expectativa em torno de um possível cessar-fogo na Ucrânia. Nos mercados, bolsas americanas e europeias atingiram máximas recentes impulsionadas por expectativas de redução dos juros nos EUA, enquanto na Ásia os índices oscilaram diante das incertezas comerciais e da queda do minério de ferro, pressionado por restrições temporárias na China.

No ambiente internacional, a tensão comercial permanece como elemento central para os fluxos financeiros e de commodities. A postura protecionista dos EUA amplia a volatilidade, não apenas para o Brasil, mas também para parceiros estratégicos, ao mesmo tempo em que o avanço da demanda chinesa por grãos reequilibra parte dos impactos. O petróleo mantém alta sensibilidade a movimentos geopolíticos, especialmente à espera de sinais sobre o conflito Rússia-Ucrânia e sobre eventuais sanções. Já o minério de ferro e o aço são pressionados por medidas administrativas da China, afetando mineradoras e siderúrgicas brasileiras. A conjunção entre inflação global, juros elevados e incertezas geopolíticas mantém o mercado atento, com maior seletividade nos fluxos de capitais e ajustes frequentes nas estratégias de hedge e de comércio exterior.



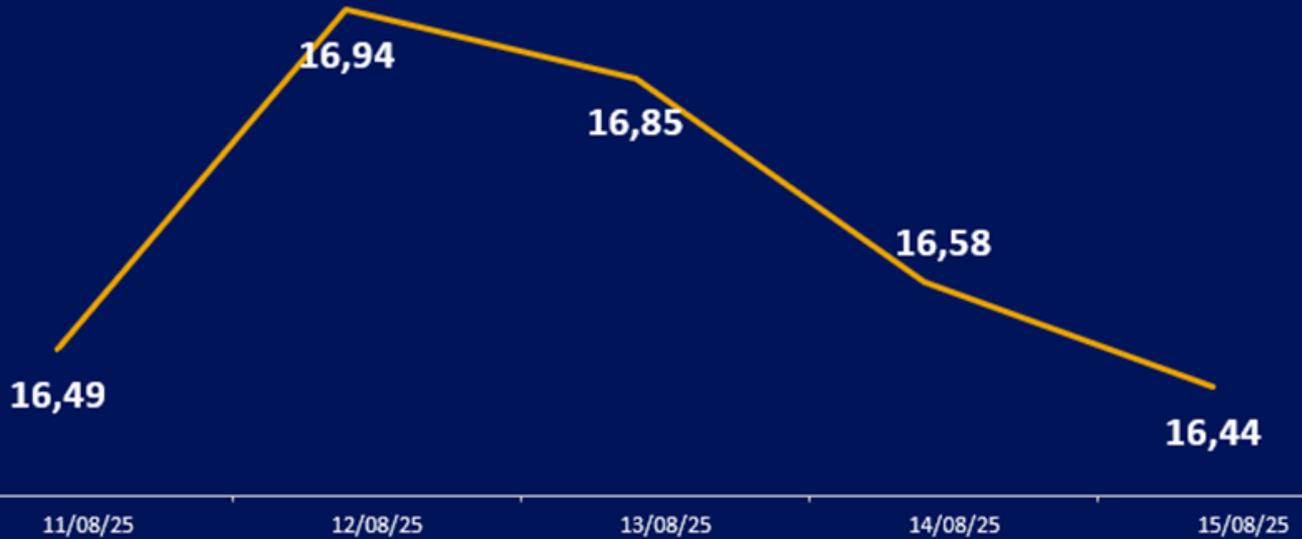
# Mercado Sucroenergético

O mercado de açúcar atravessou a semana operando de forma relativamente contida dentro da faixa de 16,00–17,00 c/lb, patamar que vem sendo respeitado desde o início de julho, mas com momentos de volatilidade pontual gerados por ajustes técnicos e fatores climáticos. O início do período foi marcado por uma leitura de fundamentos praticamente estáveis: a oferta global continua confortável, com projeção de superávit em 2025/26 mesmo após corte moderado na produção do Centro-Sul, cuja estimativa permanece acima de 40 milhões de toneladas. O mix açucareiro segue elevado e, apesar do ATR acumulado ainda abaixo do desejável, o clima mais seco nas últimas quinzenas favoreceu o avanço da moagem e tende a garantir bons volumes no curto prazo.

Do lado da demanda, surgiram sinais pontuais de sustentação, como o aumento das importações da Indonésia em junho e as compras recentes da China, embora ainda insuficientes para alterar o quadro estrutural. A posição vendida dos fundos especulativos ganhou destaque, superando 150 mil lotes — o maior nível desde 2019 —, aumentando o risco de recompras forçadas caso surjam gatilhos altistas. Esse fator se combinou a notícias climáticas, como a previsão de geadas em regiões produtoras de PR, MS e SP, e ao cenário atípico de chuvas, com modelos meteorológicos indicando volumes acima da média para setembro e outubro. Esses elementos motivaram três tentativas do contrato outubro/25 de romper a resistência dos 17,00 c/lb, mas em todas as ocasiões o fôlego foi curto e o mercado voltou a recuar.

O ambiente macroeconômico também influenciou a dinâmica. O dólar recuou frente ao real, acompanhando o enfraquecimento da moeda americana no exterior após dados fracos do mercado de trabalho dos EUA e aumento das apostas em corte de juros pelo Federal Reserve já em setembro. O câmbio abaixo de R\$ 5,40 ajudou a suavizar o impacto da alta de NY nos preços internos, ao mesmo tempo em que reforçou a competitividade da gasolina importada — cerca de 10 a 15 centavos mais barata que o preço doméstico —, limitando o potencial de valorização do etanol e sustentando a alocação de cana para açúcar.

Ao final da semana, a falta de novos gatilhos e a predominância de fundamentos confortáveis prevaleceram, levando o outubro/25 a devolver parte das altas e encerrar novamente abaixo dos 17,00 c/lb. Para o produtor, o período ofereceu oportunidades reais de fixação acima de R\$ 2.180/t com POL, garantindo margens positivas entre 5% e 9%, dependendo do custo e da estrutura de operação. Porém, com cerca de um mês até o vencimento de V25 e ainda muito volume a fixar, a recomendação segue sendo aproveitar repiques técnicos para proteção de margem. Já para as safras futuras, a curva de câmbio com carregos e o nível de fixações já avançado em 26/27 indicam que uma postura gradual e disciplinada continua sendo a estratégia mais prudente, especialmente diante do risco de ajustes nos preços da gasolina e seus reflexos sobre o mix de produção.



## Clima & Tempo

Até o momento, o mês tem apresentado clima seco em todo o Centro-Sul, com algumas chuvas nos primeiros dias, mas insuficientes para atingir a média do período. No geral, os níveis de balanço hídrico caíram nas últimas semanas, como é normal para a estação, chegando a níveis críticos em agosto. As regiões mais afetadas são GO, MT, MG e Ribeirão Preto. Tanto os modelos de previsão europeu quanto americano apontam para a continuidade do tempo seco, possivelmente levando a níveis de balanço hídrico muito críticos até o final do mês.

Na última semana, as baixas temperaturas trouxeram geadas para partes do PR, SP e MS, bem como para algumas áreas rurais no sul de GO e MG. Esses eventos de geada foram menos intensos do que os observados em junho e mais semelhantes aos registrados no final de julho, quando não houve impactos significativos, mas possíveis impactos adicionais sobre a cana-de-açúcar serão avaliados nas próximas semanas. Para as próximas duas semanas, as previsões indicam aumento nas temperaturas mínimas, não apontando mais risco de novas geadas.